



A cantina social

Num certo outono, fui admitida num programa com a duração de um ano, destinado a formar provedores comunitários. Era um programa intensivo sobre a região e os sistemas locais, que abarcava o desenvolvimento económico, o sistema judicial e os projetos comunitários.

Naquela altura, eu queria dar um novo fôlego ao que pensava ser a minha vocação e responsabilidade na comunidade em que estava inserida.

O programa do mês de dezembro tinha a ver com os serviços sociais. Ao receber as instruções, imaginei logo muitas histórias tristes de famílias pobres, crianças esfomeadas e mulheres maltratadas. Previa um grande impacto na minha vida... E não me enganei.

Começámos o dia com uma jovem mãe bem-falante que tinha concluído o ensino secundário há alguns anos, mas que, naquele momento, não conseguia compreender o

que lia. Falou de um programa maravilhoso que frequentava sobre literacia e dizia-se orgulhosa por ter melhorado a capacidade de leitura (ao nível do nono ano). “Com situações destas eu consigo lidar”, pensei. Era uma história triste mas parecia ter um final feliz.

Depois de uma simulação de subsídio e do respetivo questionário, saímos para almoço. A comissão do programa selecionara uma cantina social para almoçarmos naquele dia. Pediram-nos para não usarmos a nossa identificação nem levarmos carteira. E para nos dispersarmos pelas mesas e conversarmos com quem estava a almoçar. E eu não via problema algum: imaginava uma fila (como as das cafetarias) de voluntários com luvas de borracha a distribuírem bocados de frango em pão, ou qualquer coisa do género.

Para grande surpresa minha, a cantina social não era o que tinha suposto. Quando entrei, uma senhora idosa cumprimentou-me com um enorme sorriso. Depois, levou-me ao rececionista que me levou até à minha mesa. Fiquei de frente para um palco lindamente adornado com decorações feitas à mão e uns alegres cantores de Natal de uma escola primária próxima.

Não havia filas. Serviram-me sopa, salada e um prato cheio de comida quente e deliciosa. Além disso, outra pessoa idosa apresentou-se com um carrinho de sobremesas. Pude assim escolher entre uma grande variedade de pastéis, bolos e pudins. O ambiente era tão acolhedor e despretensioso que não tive dificuldade em iniciar uma conversa com os meus companheiros de mesa.

Sentada perto de mim estava uma criança irrequieta, mal vestida e a precisar de um bom banho. Mas a felicidade dela ao ouvir os cantores fez-me sorrir. Ao lado desta pequena maravilha estava a avó. Depois do meu “olá” inicial, esta começou a dizer como gostava da sua neta. Reparara que também eu gostava de ouvir a menina a acompanhar o coro e a bater palmas.

Sam (era o nome da criança) ficava com a avó ao longo da semana porque a mãe tivera sorte e fora contratada para trabalhar num armazém durante o período de férias. E ali estava eu verdadeiramente surpreendida com a quantidade de informação que me estava a ser revelada sobre a vida de uma família que me era estranha! Porém, dado o ambiente acolhedor, não era de admirar que as pessoas se sentissem à vontade para se abrir.

Eu e a avó continuámos a nossa conversa durante a refeição. Falámos muito das saudades que Sam tinha da mãe neste período de Natal. E, embora soubéssemos que um horário de trabalho tão preenchido era temporário, as crianças de três anos têm pouca paciência para esperar para depois das férias...

Quando vi que tinha de me despedir, perguntei à avó o que é que Sam desejava de especial para o Natal. Esperando que fosse um dinossauro de peluche roxo ou uma boneca, fiquei totalmente surpreendida quando ouvi " A Sam quer uma moeda de cinquenta cêntimos para o Natal."

Uma simples moeda. Apenas cinquenta cêntimos.

Pensei na lista de desejos de duas páginas da minha própria filha.

A avó de Sam continuou:

— A minha neta quer ir visitar a mãe ao trabalho e sabe, se andar de autocarro, que precisa de dar ao condutor uma moeda de cinquenta cêntimos.

E eu que nem sequer carteira tinha levado!

Aquela pequena moeda que Sam tanto queria causou-me um impacto tremendo. Demasiadas vezes damos por adquiridas as pequenas e maravilhosas coisas do dia a dia, e até as pessoas com quem partilhamos a nossa vida! Subestimamos a beleza, o cheiro de uma refeição cozinhada durante as férias, o crepitar do lume, o calor de um aperto de mão...

Desde então, sempre que me apercebo de que acelero o passo, sem dar a devida atenção àqueles que amo, lembro-me deste episódio. E passou a haver uma nova tradição em nossa casa: em cada meia de Natal, o polegar tem a forma de uma moeda de cinquenta cêntimos brilhante para simbolizar a sorte que temos em estarmos juntos, naquela época, e em cada dia do ano.

Recordar-me-ei sempre de Sam.

E nunca deixarei de lhe desejar um Natal muito feliz!